
O CARACOL E SUA CONCHA: ENSAIOS SOBRE A NOVA MORFOLOGIA DO TRABALHO

Angela dos Santos Machado¹
angelasm.geo@gmail.com

Este livro foi publicado pela editora Boitempo, no ano de 2005. Seu autor, Ricardo Antunes, é professor titular de Sociologia no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas. Recentemente, seu livro *The Meanings of Work (Essay on the Affirmation and Negation of Work)*, foi publicado nos Estados Unidos, na Itália, em Portugal, na Índia e na Argentina, além de outras publicações na Espanha, Colômbia e Venezuela. É professor convidado na Universidade Ca'Foscari, na Itália e foi professor visitante na Universidade de Sussex, na Inglaterra. Ministrou cursos e conferências em diversas universidades na Europa, na América do Sul, na América do Norte e na Ásia. Essa contextualização sobre o autor nos proporciona a dimensão de sua importância nos estudos sobre o mundo do trabalho e seu reconhecimento internacional.

O livro “O caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho” é, segundo seu autor, uma coletânea despretensiosa de algumas teses apresentadas anteriormente, sobretudo em “Os sentidos do trabalho”, com o intuito de atualizar suas teorias sobre a centralidade do trabalho. O sugestivo título do livro refere-se a uma passagem de “O Capital” em que Marx sugere que da mesma forma que o caracol não se separa de sua concha, o trabalhador é inseparável dos meios de produção.

Esta obra traz o significado do trabalho na contemporaneidade e diferencia-se das críticas sobre o fim do trabalho. Perpassa pela reestruturação produtiva do capital afirmando que as mudanças tecnológicas não podem eliminar o trabalho vivo. Ressalta que o modelo de empresa enxuta forma uma sociedade de descartáveis, substituindo o trabalho vivo pelo trabalho morto. Por fim, destaca a apropriação da dimensão cognitiva do trabalho a medida que se dá a apropriação intelectual aumentando o controle e a subordinação dos trabalhadores.

Assim, visa reafirmar que ao contrário do fim da centralidade da teoria valor-trabalho há uma “alteração e ampliação das formas e mecanismos de extração do trabalho” (p.19). O

¹ Mestranda em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), Campus de Presidente Prudente.

desafio que se coloca é acabar com o processo de “desantropomorfização do trabalho” (p.20), tornando a atividade humana produtora de bens socialmente necessários e retomando o sentido original de economizar (do latim *oeconomia*) que significa utilizar racionalmente os recursos naturais e sociais.

O livro pode ser considerado de fácil leitura e até mesmo didático servindo como uma introdução ao tema para aqueles que estão iniciando seus estudos sobre o mundo do trabalho. Está organizado em 12 capítulos, os quais serão descritos a seguir.

No primeiro capítulo, “A crise da sociedade do trabalho: fim da centralidade ou desconstrução do trabalho?”, problematiza as teses que afirmam o fim do trabalho ou de sua centralidade tomando alguns de seus mais expressivos formuladores: André Gorz, Claus Offe, Habermas, Dominique Méda, Jeremy Rifkin e Robert Kurz. Para o autor, essas teses desconsideraram processos importantes para se compreender o trabalho na contemporaneidade como a interação entre o trabalho vivo e o trabalho morto e a ampliação dos proletários precarizados. Isso ocorre em razão de uma visão eurocêntrica desses autores que não dão importância ao fato que 2/3 da humanidade que trabalha estão América Latina, África ou Ásia.

Atualmente, a classe trabalhadora estaria mais fragmentada e complexa a partir da existência de alguns trabalhadores mais qualificados (polivalentes e multifuncionais) e uma massa de trabalhadores precarizados, sem qualificação, que exercem trabalhos temporários, em tempo parcial ou vivem em situação de desemprego.

Apesar dos avanços científicos-tecnológicos e da crescente substituição da força de trabalho humana pela máquina, enfatiza que essa tendência não significa que o trabalho será extinto, pois o trabalho vivo ainda é necessário. O que ocorre é a necessidade de uma força de trabalho mais complexa e multifuncional que deve ser explorada de maneira intensa.

A transferência do saber da classe trabalhadora para a máquina acentua a transformação do trabalho vivo em trabalho morto, mas não o elimina. “Como a máquina não pode suprimir o trabalho humano, ela necessita de uma maior interação entre a subjetividade que trabalha e a nova máquina inteligente”. Fato que aumenta o estranhamento e a alienação, “ampliando as formas modernas de reificação” (p.37).

No segundo capítulo, “A desmedida empresarial na sociedade da ‘qualidade total’”, critica a lógica empresarial que produz mercadorias para rápido descarte e reposição que conduz à sociedade ao consumo desenfreado e descartável.

No terceiro capítulo, “A nova morfologia do trabalho e o desenho multifacetado das ações coletivas”, discute a nova morfologia do trabalho ressaltando quem faz parte da *classe-que-vive-do-trabalho* e quem dela fica excluída. Atualmente, a classe trabalhadora seria formada pela totalidade dos assalariados que vivem da venda da sua força de trabalho e não possuem os meios de produção, assim a única alternativa de sobrevivência é vender sua força de trabalho. Não fazem parte dessa classe os gestores do capital, aqueles que vivem de juros e especulação, bem como os pequenos empresários urbanos e rurais, proprietários dos meios de produção.

Com relação às ações coletivas discute se seria a classe trabalhadora “estável” ou a mais “subproletarizada” que teria maior potencialidade de ações sociais de resistência. Se por um lado os trabalhadores mais qualificados, intelectualizados, teriam maior potencialidade, por outro lado esses são os mais manipulados e envolvidos na lógica empresarial. Em contrapartida, os trabalhadores precários, parciais, temporários, os desempregados seriam capazes de ações mais ousadas uma vez que essas camadas sociais “não têm nada a perder” (p.55).

Os três capítulos seguintes, “Algumas teses sobre o presente (e o futuro) do trabalho”, “A dialética do trabalho” e “O caráter polissêmico e multifacetado do mundo do trabalho” têm um sentido didático de revisão e reafirmação das ideias antes explicitadas.

O sétimo capítulo, “O trabalho entre a perenidade e a superfluidade: alguns equívocos sobre a desconstrução do trabalho”, aponta que um dos equívocos das teses que apregoam o fim do trabalho diz respeito à superação do trabalho alienado, tal conceito marxista teria se tornado inútil. Rebate essa ideia afirmando que continua havendo expropriação das capacidades cognitivas por meio do intenso envolvimento da subjetividade operária.

No oitavo capítulo, “A subversão do capital e os sentidos do trabalho”, critica a ideia de que a técnica seria a principal força produtiva e não o trabalho vivo afirmando que a exploração da força de trabalho ocorre em forte interação com o desenvolvimento técnico-científico. Nesse processo, a força de trabalho é cada vez mais necessária, porém uma força de trabalho “mais complexa, multifuncional, que deve ser explorada de maneira mais intensa e sofisticada”. Quando a força de trabalho não detém esses atributos, amplia-se a precarização do trabalho que se alterna entre a perenidade (menos pessoas trabalhando mais) e a superfluidade do trabalho (mais pessoas trabalhando menos ou desempregadas) (p.98).

O nono capítulo, “Opacidade (ou vitalidade) das classes sociais” visa ressaltar que da mesma maneira que existe uma literatura que decreta a perda da validade da noção analítica do trabalho, isso também acontece com a noção de classes sociais.

No décimo capítulo, “Revival do anarquismo?”, discute como os anarquistas estão fazendo a leitura de acontecimentos contemporâneos, bem como os embates com os marxistas, visando compreender se a literatura libertária estaria passando por um momento de reavivamento ou “revival”.

No décimo primeiro capítulo, “Uma aposta no futuro”, o autor realiza uma breve análise sobre algumas teses de István Mészáros, escritor do livro *Para além do capital*, uma das reflexões mais críticas do sistema capitalista na atualidade.

Por fim, no último capítulo, “Um novo desafio”, afirma que o objetivo deve ser a superação do sistema metabólico do capital e um dos meios para alcançá-lo é a construção de um partido que seja, ao mesmo tempo, um movimento social, político, anti-institucional, que tenha os trabalhadores em sua base, assim como os excluídos e os desempregados. Um partido que recuse a ordem estabelecida e que exerça uma política radical. Um partido que consiga recuperar o sentido de pertencimento de classe e o sentido do trabalho humano “contra o sentido destruturante do trabalho assalariado sob o capital” (p.127).

Esse livro, assim como as outras obras de Ricardo Antunes, é uma contribuição importante para a produção de um conhecimento que auxilie na construção de um projeto emancipatório para a sociedade como um todo e na superação do sistema metabólico do capital. Ao colocar em debate a centralidade do trabalho, não permitindo que se caia em senso comum as teses sobre o fim do trabalho, coloca em evidência a precarização do trabalho, em pleno século XXI, e as reais condições que a *classe-que-vive-do-trabalho* tem de realizar a luta de classes.

Portanto, esse é um referencial indispensável para todos os interessados em compreender as dinâmicas do mundo do trabalho na contemporaneidade, para aqueles que querem entender os fatores que levam à crescente precarização do trabalho, no Brasil e no mundo, e para quem não se conforma com o trabalho sob o jugo do capital.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ANTUNES, R. **O caracol e sua concha**: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2005.

Submetido em: março de 2018

Aceito em: abril de 2018